

O método fônico no desenvolvimento da alfabetização de alunos da pré-escola

The phonic method in the development of literacy in preschool students

El método fónico en el desarrollo de la lectoescritura en preescolares

Adriana Lucia de Escobar Chaves de Barros¹

Aliny Aparecida Nascimento de Amorim Moreira²

Resumo: Este artigo narra a experiência de uma educadora que, ao alfabetizar seus filhos com o método fônico, descobriu uma forma sensível e criativa de ensinar. O gesto íntimo de casa floresceu em proposta pedagógica acolhedora em sua escola de Educação Infantil. Entre sons, brincadeiras e afeto, a linguagem foi se tornando viva e significativa desde os primeiros anos. Com o tempo, a prática ganhou profundidade, articulando-se às reflexões da autora no mestrado em Linguística Aplicada. Sustentada na consciência fonológica e no respeito à singularidade infantil, a proposta enfrenta os desafios da educação pública com escuta e compromisso. Mais que técnica, o método fônico é vivenciado como experiência ética e situada, que afirma a linguagem como direito e a alfabetização como um caminho de pertencimento.

Palavras-chave: Alfabetização. Consciência fonológica. Educação Infantil. Método fônico. Práticas pedagógicas.

Abstract: *This essay recounts the journey of an educator who, by teaching her children to read using the phonics method, discovered a sensitive and creative way of approaching literacy. What began as an intimate gesture at home blossomed into a welcoming pedagogical approach in her early childhood education school. Through sounds, play, and affection, language became alive and meaningful from the earliest years. Over time, the practice deepened, aligning with the author's reflections during her graduate studies in Applied Linguistics. Grounded in phonological awareness and respect for each child's uniqueness, the proposal addresses the challenges of public education with attentive listening and ethical commitment. Beyond technique, phonics is experienced as an ethical and contextual practice, affirming language as a right and literacy as a path to belonging.*

Keywords: *Early childhood education. Literacy. Pedagogical practices. Phonics method. Phonological awareness.*

Resumen: *Este artículo relata la experiencia de una educadora que, al alfabetizar a sus propios hijos mediante el método fónico, descubrió una manera sensible y creativa de enseñar. El gesto íntimo del hogar se transformó en una propuesta pedagógica acogedora en su escuela de educación infantil. Entre sonidos, juegos y afecto, el lenguaje fue cobrando vida y significado desde los primeros años. Con el tiempo, la práctica se profundizó, articulándose con las reflexiones de la autora en su maestría en Lingüística Aplicada. Basada en la conciencia fonológica y en el respeto por la singularidad de cada niño, la propuesta enfrenta los desafíos de la educación pública con escucha y compromiso. Más allá de una técnica, el método fónico se vive como una experiencia ética y situada que afirma el lenguaje como derecho y la alfabetización como un camino de pertenencia.*

Palabras clave: *Alfabetización. Conciencia fonológica. Educación infantil. Método fónico. Prácticas pedagógicas.*

1 Doutorado em Estudos da Linguagem, Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), adrianadebarros@uems.br.

2 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Diretora Pedagógica do Colégio Nossa Senhora das Graças, a.moreira1984@gmail.com.

1 INTRODUCTION

Viver entre línguas e culturas é também testemunhar, no cotidiano escolar, os modos pelos quais as crianças se aproximam da linguagem, se aventuram nas letras, escutam os sons e constroem sentidos. Em contextos de ensino marcados por desigualdades estruturais, metodologias contestadas e urgências pedagógicas, alfabetizar não é apenas uma tarefa didática, na medida que se trata de um ato político, cultural e profundamente humano. Nesse cenário, ganha relevo a escuta das vozes de educadores que, para além de replicarem teorias, constroem saberes a partir da prática, da experiência e do compromisso ético com o direito à linguagem.

Este artigo nasce da trajetória de uma educadora, autora do texto em coautoria com sua orientadora de mestrado, que, antes mesmo de fundar e dirigir sua própria escola de educação infantil, iniciou sua caminhada alfabetizadora dentro do espaço íntimo da casa. Foi ali, no convívio diário com seus filhos pequenos, que decidiu experimentar o método fônico como forma de introduzi-los à linguagem escrita. O que poderia ter sido apenas uma tentativa doméstica se revelou uma experiência transformadora. Aos três e quatro anos, as crianças já demonstravam domínio inicial da leitura, com desenvoltura e curiosidade. A convivência com os sons, as letras e os sentidos, mediada por práticas sistemáticas e afetivas, mostrou que é possível aprender a ler com prazer e autonomia desde muito cedo. Essa vivência despertou na autora não apenas a confiança no método, mas também o desejo de aprofundar seus estudos e dividir com outros educadores aquilo que, na prática, já se mostrava potente.

No cotidiano da escola que dirige, a autora, também professora, tem construído ao longo dos anos uma proposta pedagógica que valoriza a consciência fonológica como ponto de partida para experiências significativas de leitura e escrita. Mais do que aplicar um método, ela cuida para que cada gesto pedagógico seja atravessado por afeto, escuta e atenção às

necessidades concretas das crianças. A sala de aula, nesse contexto, é vivida como um espaço pulsante, em que o conhecimento se reinventa no encontro com as crianças e nas pequenas transformações do cotidiano.

Ao entrelaçar sua prática com os estudos do mestrado em Linguística Aplicada, a autora busca compreender, com olhar atento e sensível, os efeitos do método fônico na alfabetização das crianças. Mais do que apresentar dados ou comprovar hipóteses, seu compromisso está em compartilhar caminhos trilhados, escolhas feitas com o coração atento e experiências que, no chão da escola, têm germinado. Trata-se de um convite para o diálogo, uma oferta generosa de aprendizagens que brotam da realidade concreta e que podem, talvez, inspirar outros educadores que também enfrentam os desafios e as delicadezas do ensinar.

Mas essa investigação não se limita à experiência pessoal. Ela se inscreve em uma urgência coletiva. Em um país onde milhões de crianças ainda enfrentam dificuldades severas para ler e compreender textos simples, pensar sobre alfabetização é um gesto de responsabilidade social. O analfabetismo, em sua forma mais crua, persiste. O analfabetismo funcional, embora muitas vezes passe despercebido aos olhos apressados, segue deixando marcas profundas na vida de milhões de brasileiros. Ele se insinua nos gestos cotidianos, nas dúvidas silenciosas diante de um aviso, na dificuldade em compreender um contrato, em acompanhar uma receita médica ou em participar de forma plena das decisões que atravessam a vida em sociedade. Trata-se de uma exclusão que não grita, mas que limita, que fragiliza, que silencia.

Diante dessa realidade, não é possível conceber a alfabetização como uma tarefa puramente técnica ou como um ato isolado dentro da rotina escolar. Alfabetizar é cuidar da palavra e, com ela, do mundo que se abre para quem aprende a nomear com clareza, a interpretar com autonomia e a existir com dignidade. É um compromisso que exige escuta, presença e um profundo sentido de responsabilidade ética. É necessário encarar esse desafio com

seriedade, sensibilidade e um compromisso ético com a justiça educativa. O que se disputa, nesse campo, vai além da decodificação de palavras. Trata-se do direito de habitar o mundo com autonomia, consciência e dignidade.

Ao olhar com atenção para os limites das metodologias mais tradicionais, muitas vezes adotadas sem considerar a complexidade do processo de alfabetizar, a autora convida a uma escuta mais generosa do que acontece na prática. Alfabetizar exige muito mais do que aplicar técnicas ou seguir manuais. Exige compreender que cada criança tem seu próprio tempo, seus próprios caminhos, sua própria forma de fazer sentido com as palavras. A consciência fonológica, nesse cenário, não aparece como um recurso isolado, mas como uma aliada potente quando integrada a um cotidiano lúdico, amoroso e respeitoso. É nessa articulação entre ciência e sensibilidade que o método fônico pode ganhar vida, ajudando as crianças a acessarem o universo da escrita de modo mais natural e prazeroso, com base naquilo que escutam, experimentam e significam.

Este estudo nasce do diálogo com as vozes e experiências de educadores que, no entrelaçamento entre os desafios da escola e os caminhos da pesquisa, constroem saberes em movimento. Mais do que oferecer respostas acabadas ou receitas válidas para todos os contextos, o texto convida a uma escuta cuidadosa da alfabetização como um campo em constante disputa, onde diferentes concepções de infância, linguagem e aprendizagem se entrelaçam, por vezes em harmonia, por vezes em conflito. Nesse cenário de complexidades e atravessamentos, refletir sobre os caminhos que podem garantir o direito de cada criança à leitura e à escrita é também um exercício de compromisso ético com a educação. O artigo propõe que a Linguística Aplicada se afirme como uma prática que nasce do chão em que pisa, sensível às realidades que a moldam e profundamente implicada nas transformações que almeja construir.

Compartilhar as experiências construídas tanto no convívio íntimo com os próprios filhos quanto nas vivências cotidianas com os alunos da escola que a autora coordena revela-se

como um gesto profundamente significativo. Nesse movimento, rompe-se o silêncio que muitas vezes encobre o que de mais potente acontece no interior da sala de aula. Ao dar visibilidade às práticas que geram sentido, que acolhem e que ensinam, a autora reafirma o valor do saber que nasce do chão da escola, que se constrói no cuidado com o outro e que floresce mesmo quando pouco reconhecido pelas políticas ou pelos discursos hegemônicos sobre a educação.

Ao trazer à tona práticas que funcionam, mas que muitas vezes permanecem à margem das políticas públicas e dos currículos de formação docente, a autora reivindica um espaço legítimo para as vozes que habitam o chão da escola e que cotidianamente reinventam o ato de ensinar. É também um modo de dizer que a alfabetização começa no afeto, mas não se encerra nele. Exige método, exige conhecimento, exige escuta. Exige, sobretudo, o reconhecimento de que cada criança, ao aprender a ler, está não apenas decifrando palavras, mas entrando em diálogo com o mundo.

É nesse atravessamento de vivências, escolhas pedagógicas e fundamentos teóricos que este artigo se encontra, não como quem pretende apresentar uma resposta definitiva, mas como quem deseja somar vozes e experiências ao debate sobre alfabetização. A inquietação que mobiliza a autora vai além do desejo de ensinar a ler. O que se deseja, com delicadeza e firmeza, é formar leitores que não se limitem a juntar letras, mas que saibam percorrer os sentidos que habitam as palavras, que leiam com o corpo inteiro, com escuta, com presença. Leitores que reconheçam as nuances da linguagem, que possam interpretar o que leem com profundidade, argumentar com clareza e assumir uma postura crítica diante dos muitos textos que atravessam suas vidas, dentro e fora da escola.

Num tempo em que as informações nos alcançam em velocidade quase inalcançável e em que as tecnologias ocupam espaços cada vez mais íntimos, não basta garantir que todos tenham acesso à leitura. É preciso garantir também o direito de compreender, de escolher, de se posicionar no mundo com liberdade

e consciência. É necessário criar condições para que a leitura seja também um exercício de liberdade, de pensamento crítico e de diálogo com os discursos que nos constituem, nos desafiam e, por vezes, tentam nos calar.

Ler, hoje, é um ato de presença e de resistência. Ler, hoje, exige mais do que decodificar letras. Esse caminho exige mais do que métodos. Requer escuta atenta, disposição para compreender o outro, pensamento crítico e a delicada habilidade de tecer vínculos significativos entre a experiência da criança e o mundo que a cerca. É nesse horizonte que este trabalho se inscreve, sustentado pelo desejo de colaborar com práticas de alfabetização que respeitem os ritmos próprios da infância, que acolham a multiplicidade das linguagens e que apostem, com coragem e esperança, na força transformadora da leitura. Ler, aqui, é entendido como um gesto profundo de compreensão, como uma forma de se sentir parte e como um exercício cotidiano de liberdade.

2 REFERENCIAL

A história da alfabetização não se escreve como uma linha reta de métodos e técnicas. Alfabetizar é um gesto simbólico, uma forma de abrir caminhos para o saber sedimentado na letra, que por muito tempo foi privilégio de poucos. Em contextos nos quais ler significava acessar leis, rezar textos sagrados ou controlar registros de posse, o ensino da escrita esteve impregnado de seletividade, exclusão e hierarquia (Soares, 2018).

Durante muitos séculos, sobretudo no Ocidente, a alfabetização seguiu os passos do método alfabético, em que o aprender começava pela repetição quase ritualística do abecedário. Crianças eram levadas a decorar letras, sílabas e palavras em ambientes muitas vezes marcados pela oralidade religiosa e por uma disciplina rígida, na qual ler se confundia com obedecer. Era uma alfabetização que ecoava mais a imposição do que a compreensão.

Com a invenção da imprensa, no século XV, o mundo do escrito se ampliou, ou seja, os livros ganharam movimento, cruzaram fronteiras e passaram a habitar outros espaços sociais.

Com eles, nasceu a nova exigência cultural de formar leitores que não apenas decifrassem palavras, mas que entendessem seus sentidos, nuances e intenções. A escrita deixou de ser monopólio das elites e passou a figurar como horizonte de muitos. Essa transição histórica marcou o início de uma mudança de perspectiva, isto é, ler se tornou um direito, e a alfabetização, um desejo coletivo.

No século XIX, com a consolidação das escolas públicas em diversos países da Europa e das Américas, os debates sobre como ensinar a ler ganharam corpo. De um lado, estavam os métodos sintéticos, como o alfabético, o silábico e o fônico, que propunham iniciar o ensino pelas menores partes da língua. De outro, os métodos analíticos e globais propunham partir do todo da palavra ou da frase, valorizando o sentido e a função social da linguagem. Muito além de simples escolhas metodológicas, esses dois caminhos revelam diferentes modos de ver a infância, a linguagem e os processos de aprendizagem.

Como analisa Soares (2018), as escolhas metodológicas estão profundamente ligadas às concepções de infância, linguagem e aprendizagem. Optar por decompor ou mergulhar no texto é assumir uma visão de mundo, uma perspectiva sobre o que significa aprender. Nenhum método é neutro. Todos nascem de contextos específicos, atravessados por valores, ideologias e compreensões sobre os sujeitos que aprendem.

O método fônico tem se destacado por tornar evidente a correspondência entre sons e letras. Ele mostra à criança que há uma lógica concreta entre o som que ela emite e o sinal que vê no papel. Aos poucos, o que parecia um enigma se revela como um sistema passível de ser compreendido. Capovilla e Capovilla (2010) ressaltam que essa clareza entre fonema e grafema é o fundamento da leitura como prática significativa e libertadora.

Esse método é sintético e se baseia na relação fonema-grafema como ponto de partida para a construção da leitura e da escrita. A criança aprende a escutar, segmentar, recombinar e representar graficamente os sons da fala. A aplicação do método envolve atividades

como rimas, aliterações, segmentações silábicas, ditados fonêmicos, uso de espelhos para observação articulatória e manipulação de letras móveis. Essa abordagem propõe uma alfabetização sistemática, articulada à ludicidade e à afetividade.

As contribuições da psicologia cognitiva e das neurociências trouxeram novas camadas a esse debate. Adams (1990) e Snow, Burns e Griffin (1998) mostram que aprender a ler requer atenção aos sons, habilidade de escuta, manipulação sonora e associação com o registro gráfico. A consciência fonológica emerge como uma habilidade essencial nesse percurso, pois permite que a criança transforme escuta em escrita.

O reconhecimento do valor do método fônico não implica sua exclusividade. Quando aplicado com sensibilidade e articulado a práticas significativas, ele se torna um recurso valioso no processo de letramento. Alfabetizar é acolher alguém no mundo da linguagem, e isso exige mais do que técnica: exige presença, escuta e intencionalidade pedagógica.

A partir dos anos 2000, os debates sobre os métodos se intensificaram. O chamado “grande debate” (Soares, 2018) opôs defensores da instrução sistemática das correspondências letra-som a proponentes da exposição a textos integrais e significativos. Muitas vezes, esses embates desconsideraram os contextos escolares e os repertórios das infâncias.

Estudos em diferentes línguas e culturas reforçam que o sucesso da alfabetização está atrelado à capacidade de escutar e refletir sobre os sons da fala. A ausência de consciência fonológica compromete não apenas o início da leitura e da escrita, mas toda a trajetória leitora. Por isso, o método fônico tem sido redimensionado em abordagens que o articulam a práticas significativas e dialógicas.

Cardoso-Martins (1995) afirma que essa abordagem fortalece os primeiros passos da escolarização e previne entraves futuros, ao consolidar uma base sólida de consciência linguística. No Brasil, Capovilla e Capovilla (2010) propõem uma versão adaptada à realidade sociolinguística do país, integrando o método fônico a práticas de leitura com sentido. De-

codificar, nessa perspectiva, é apenas um dos momentos do processo, que se completa quando o texto toca a experiência da criança.

Morais (2012) salienta que uma instrução fônica bem conduzida reduz a ansiedade diante da leitura e amplia o prazer de ler, abrindo espaço para a construção de sentido e escuta crítica. A leitura deixa de ser um esforço fragmentado e passa a ser um mergulho no texto, onde a criança interpreta, transita entre vozes e compreende o mundo.

Lamprecht e Costa (2006), bem como os dados do National Reading Panel (2000), confirmam que o desenvolvimento da consciência fonológica impacta diretamente a aprendizagem da leitura e da escrita, especialmente em contextos de desigualdade. Contudo, como observa Soares (2018), nenhuma metodologia deve ser aplicada de forma absoluta. Alfabetizar exige respeito à singularidade dos sujeitos e aos tempos da infância.

A Linguística Aplicada contribui para esse olhar ampliado. Rojo (2013) e Moita Lopes (2006) mostram que ler é um ato social. Ensinar a ler é formar sujeitos capazes de compreender textos e realidades. A alfabetização precisa ser compreendida como um processo afetivo, político e cultural. Integrando saberes da linguística, da psicologia e da pedagogia, a Linguística Aplicada reafirma que alfabetizar é formar leitores críticos e autônomos.

A consciência fonológica, nesse percurso, é ponte entre som e sentido, entre escuta e permanência. Não é fim, mas passagem. Quando os educadores investem nela com sensibilidade, não ensinam apenas a juntar letras. Eles oferecem às crianças a possibilidade de se reconhecerem como sujeitos da linguagem. O método fônico, nesse sentido, não é fórmula. É possibilidade viva de encontro entre linguagem e liberdade. Seu mérito está em permitir que a alfabetização seja também encantamento, pertencimento e cidadania.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se inscreve no campo da abordagem qualitativa, com natureza aplicada, movida pelo desejo de compreender e apri-

morar práticas pedagógicas que se desenrolam no cotidiano vivo da alfabetização. Parte da convicção de que o saber não se constrói à parte da experiência, mas emerge dos encontros, das relações e dos sentidos que os sujeitos produzem em suas trajetórias. Apoiada nos estudos de Bogdan e Biklen, de 1994, compreende a pesquisa qualitativa como uma via sensível de acesso às interpretações que as pessoas constroem sobre suas próprias vivências.

Nesse percurso, adota-se o estudo de caso com inspiração etnográfica, acompanhando de perto a atuação da professora-pesquisadora junto a uma turma de crianças pequenas, com três e quatro anos, em uma escola da rede privada situada no interior do Mato Grosso do Sul. Trata-se de uma investigação que se deixa afetar pelo contexto da escola e que reconhece, na escuta atenta e na presença cotidiana, o gesto fundante da construção de conhecimento.

Inspirada por André (2005), a investigação articula prática e reflexão, considerando a sala de aula como espaço de produção de saberes. Foram utilizados diário de campo, registros das crianças, fotografias e relatos familiares como instrumentos de análise. A escuta sensível e a vivência pedagógica foram compreendidas como práticas éticas, conforme defende Minayo (2012), possibilitando uma leitura situada da alfabetização pelo método fônico. Mais do que relatar técnicas, a pesquisa buscou compreender os sentidos que emergem quando a leitura e a escrita são vividas com afeto, linguagem e pertencimento.

A coleta de dados foi orientada pelo princípio da observação participante, sendo a pesquisadora também a professora regente da turma. A vivência cotidiana, os relatos das crianças e o diálogo com as famílias compuseram o corpo empírico da investigação. As práticas foram sistematizadas em três grandes eixos: (i) desenvolvimento da consciência fonológica; (ii) associação fonema-grafema e construção silábica; (iii) ampliação da leitura e escrita com fluência e autoria. A análise seguiu os princípios da Linguística Aplicada crítica (Rajagopalan, 2006), articulando teoria e prática em uma abordagem ética e situada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa emergem do entrelaçamento delicado entre teoria e prática, entre a escuta cotidiana das crianças e a intencionalidade pedagógica que guiou o uso do método fônico ao longo de um ano letivo. Mais do que números ou diagnósticos, o que se apresenta aqui são movimentos de linguagem, gestos de descoberta e conquistas subjetivas que se fizeram visíveis na fala, no traço e no brilho dos olhos de cada criança. As práticas vivenciadas na turma do Jardim I revelaram que, quando a alfabetização é mediada com afeto, ludicidade e atenção aos tempos infantis, o processo de aprendizagem ultrapassa o domínio técnico das letras para tornar-se também afirmação de pertencimento. Ao longo desta seção, serão apresentados episódios, produções e relatos que ilustram como a consciência fonológica, o vínculo entre som e grafema e a fluência leitora foram sendo construídos de forma situada, ética e sensível, reafirmando que alfabetizar é, antes de tudo, um ato de cuidado e compromisso com o direito à linguagem.

Na turma dos pequenos do Jardim I, composta por 17 crianças com idades entre três e quatro anos, o ano de 2024 começou com o cuidado de escutar quem ainda não falava com segurança e acolher quem já demonstrava interesse pelos livros, mesmo sem decifrar as letras. Foi nesse território de escuta e afeto que as primeiras práticas de consciência fonológica ganharam vida.

Uma das primeiras propostas foi o jogo dos sons do nome, no qual cada criança batia palmas para marcar as sílabas do próprio nome e dos colegas. O momento de descoberta trouxe encantamento ao perceberem que nomes como Lu-ca e Ma-ri-a tinham dois sons, enquanto Be-a-triz revelava três. Riam, se surpreendiam, trocavam olhares cúmplices. Esse primeiro exercício já revelava um ponto central do método fônico quando vivido com presença: o som não é apenas um elemento técnico, mas parte do corpo, da identidade, da relação.

Nas semanas seguintes, exploraram-se rimas por meio de poesias infantis e músicas com repetições sonoras. Um dos momen-

tos mais significativos aconteceu durante a leitura coletiva de um poema com palavras terminadas em “ão”. À medida que os versos eram repetidos, as crianças passaram a criar suas próprias rimas, dizendo com entusiasmo palavras como “coração”, “balão”, “mamão”, “caminhão” e até “foguetão”. A alegria que brotava dessas descobertas era nítida, e era justamente essa alegria que impulsionava o desejo de aprender.

Na fase de associação entre fonema e grafema, o espelho tornou-se aliado. A proposta era observar a boca ao emitir os sons /p/, /b/, /m/ e /t/, comparando o movimento dos lábios. O “som do pato” (/p/) foi ilustrado com cartazes e figuras, mas também com objetos reais trazidos de casa, como pelúcias e brinquedos. As crianças formavam rodas e passavam os objetos dizendo seus nomes, sempre atentos ao som inicial. O vínculo entre escuta, imagem e palavra ia se solidificando em cada gesto.

A atividade do “caça ao som” ganhou o coração da turma. Em uma manhã, o som /m/ foi o escolhido. Espalharam-se imagens pela sala, como macaco, melancia, milho, mala e meia. Ao som de uma música suave, as crianças procuravam as figuras que começavam com /m/ e as levavam até um grande painel colaborativo. Ao final, compuseram uma história coletiva usando apenas as palavras encontradas. O exercício, além de consolidar a escuta, desenvolveu a imaginação e a coautoria.

Com o reconhecimento das primeiras sílabas, as letras móveis passaram a ser presença constante. As crianças criavam pares como PA–TO, ME–SA e BO–LA, rindo ao formar combinações engraçadas ou inventadas. Uma menina, Mariana, criou “BOPÉ” e disse: “É o nome de um bicho que pula só com um pé!” e, sem perceber, criava sentido, som e mundo. A alfabetização, ali, acontecia entre o jogo e a criação.

Nos meses seguintes, o trabalho focou na fluência leitora e na escrita com mais autonomia. As crianças começaram a escrever bilhetes para os colegas, listas para organizar o lanche coletivo e até recadinhos para os familiares. O auto ditado, feito com base em imagens, revelava construções como “SOLA” para “escova” ou “CAO” para “cachorro”, que mo-

stravam uma escuta atenta aos sons, mesmo com escrita ainda em construção.

Essas produções foram analisadas não como erros, mas como etapas de um percurso em que a criança experimenta, ousa, arrisca. A leitura, por sua vez, passou a acontecer em momentos espontâneos. Muitas crianças começaram a identificar letras e palavras em embalagens, placas da escola e até em nomes dos colegas nas mochilas. Uma delas, Enzo, aproximou-se da professora e disse, orgulhoso: “Aqui tá escrito leite! Eu li!”.

O envolvimento das famílias foi outro ponto destacado. Relatos emocionados de mães e pais, que contaram sobre momentos em que os filhos tentavam ler histórias para os irmãos menores ou deixavam bilhetinhos na geladeira, demonstraram que o método não apenas ensinava a ler, ele criava leitores.

A experiência vivida na turma revelou que, quando mediado com afeto, o método fônico vai muito além da técnica. Ele se transforma em linguagem viva, em pertencimento e em afirmação subjetiva. A alfabetização, neste caso, não é vista como um ponto de chegada, mas como uma travessia cheia de sentido. É no brilho dos olhos, na palavra inventada, na sílaba descoberta e no nome escrito pela primeira vez que mora a potência real desse percurso.

O avanço na construção da escrita também passou a se manifestar nas tentativas de registros espontâneos. Em um momento livre, uma criança escreveu “PAPA” ao lado de um desenho de comida e, quando questionada, respondeu: “É porque tô com fome e quero ir pra casa almoçar com o papai”. Essa produção, ainda que ortograficamente limitada, revela o entrelaçamento entre desejo, linguagem e representação. Conforme aponta Ferreiro (2001), o processo de aquisição da escrita envolve hipóteses que as crianças constroem a partir de suas interações com o mundo letrado e é nesse espaço de experimentação que o erro ganha outro estatuto: o de sinal de pensamento em movimento.

As rodas de leitura, realizadas semanalmente, tornaram-se momentos afetivos e desejados. Livros com estrutura acumulativa

ou repetições sonoras como, os de Bia Vilela e Ruth Rocha, eram os preferidos. Ao ouvir repetidamente os mesmos textos, as crianças começavam a antecipar palavras, completar frases e até a dramatizar trechos com entonação. A oralização da leitura, nesses casos, não era mera decodificação, mas expressão de sentido e encantamento. Essa prática reafirma o que nos diz Soares (2018), isto é, o letramento literário na infância não está apenas no domínio das letras, mas no vínculo sensível com a linguagem como experiência estética.

Ao final do segundo semestre, uma nova proposta foi introduzida, ou seja, a escrita coletiva de pequenos textos. Após uma visita ao pátio da escola para observar o céu, surgiu a ideia de escrever um “poema das nuvens”. As crianças foram ditando frases como “a nuvem parece um coelho”, “parece um travesseiro gigante”, e a professora foi registrando no papel. Depois, cada criança ilustrou sua parte. Essa atividade permitiu ampliar a função social da linguagem e introduzir, de forma lúdica, a noção de texto com intencionalidade. Mais do que ensinar estruturas formais, tratava-se de mostrar que escrever também é criar e comunicar sensações.

A escuta individualizada permaneceu como eixo do trabalho. Crianças com mais dificuldade na associação grafema-fonema receberam propostas diferenciadas, como o uso de alfabeto tátil, canções com reforço sonoro e jogos com apoio visual. Nessas práticas, o método fônico se mostrou flexível e adaptável às necessidades reais da turma, reafirmando o princípio de que toda pedagogia eficaz é, antes de tudo, uma pedagogia da atenção, como nos convida a pensar Larrosa (2011).

As análises das produções demonstraram avanços significativos não apenas na leitura e escrita convencional, mas também na autonomia, no prazer e na confiança das crianças diante da linguagem. Ao final do ano, mais de 80% da turma lia palavras simples com fluência inicial e produzia frases curtas com segurança. No entanto, mais do que os números, foram os gestos, os sorrisos e os olhos brilhando diante de uma nova palavra decifrada que revelaram a verdadeira profundidade da aprendizagem.

Essa experiência aponta para uma concepção de alfabetização como prática situada, sensível e politicamente comprometida, tal como defendem Kleiman (1995) e Rojo (2009), ao compreenderem a linguagem como ação social e construção de identidades. A proposta vivida com o método fônico não se limitou à decodificação de fonemas e grafemas, mas à criação de vínculos entre som, significado e mundo.

Em um país marcado por profundas desigualdades educacionais, cada criança que aprende a ler com prazer e pertencimento representa um ato de resistência e esperança. A prática pedagógica que aqui se compartilha não pretende ser modelo, mas convite: convite a uma escuta mais atenta, a uma alfabetização que abrace a infância em sua pluralidade e a uma educação que reconheça que cada letra aprendida é também uma forma de se inscrever no mundo.

No final do ano de 2024, os cadernos da turma já não registravam apenas traços soltos ou tentativas hesitantes. Havia palavras e pequenas frases com ilustrações que contavam histórias curtas. Cada folha carregava não apenas a escrita em construção, mas também as marcas de um percurso vivido com afeto, escuta e intencionalidade. A palavra escrita, antes distante ou misteriosa para muitos, tornara-se familiar, parte do cotidiano, extensão da voz.

Durante a última semana de aula, foi organizada uma “Feira das Palavras”, evento simples e simbólico em que cada criança escolheu uma produção para expor. Algumas apresentaram seus nomes decorados com letras coloridas, outras mostraram desenhos com legendas inventadas, e houve quem recitasse poemas memorizados com entusiasmo. Pais, avós e responsáveis foram convidados a circular pela sala, conversar com as crianças sobre seus escritos e registrar mensagens de reconhecimento. Um pai, emocionado, escreveu que ver seu filho lendo uma palavra sozinho tinha sido o momento mais bonito do seu ano. Essa troca selou, de forma afetiva, o que se construiu ao longo de muitos dias: uma comunidade de leitores em formação.

Do ponto de vista pedagógico, os resultados obtidos revelam que o método fônico, quando articulado com práticas lúdicas, escuta atenta e

respeito ao tempo infantil, pode se tornar um caminho potente de alfabetização. A experiência vivida nesta prática mostrou que a força do método não está em seguir fórmulas rígidas, mas na maneira como ele pode ser acolhido com delicadeza, criatividade e um profundo compromisso com as crianças e seus processos.

Como lembram Soares (2018) e Morais (2012), a consciência fonológica é um dos pilares da leitura e da escrita, mas só faz sentido quando se entrelaça a práticas que toquem a realidade dos pequenos, que respeitem seus tempos e que acolham suas emoções. Foi nessa costura atenta entre o saber técnico e o cuidado humano que o processo de alfabetização, naquela turma, ganhou outra dimensão. Não se tratava apenas de aprender a juntar letras, mas de viver a leitura e a escrita como um caminho de descoberta, de expressão, de pertencimento e de construção conjunta de sentidos.

A cada palavra escrita com esforço e a cada frase lida com brilho nos olhos, ganhava forma uma compreensão de linguagem como direito e de alfabetização como um modo de construir o mundo. Ao escreverem seus nomes, seus desejos e suas pequenas grandes histórias, as crianças mostravam que aprender a ler e escrever é também aprender a se dizer, a reconhecer-se no espaço coletivo e a sentir que pertencem, com voz e presença, a algo que as acolhe e as transforma.

Essa experiência, ainda que localizada, aponta para horizontes mais amplos. Num país em que o fracasso escolar ainda recai com mais força sobre as crianças pequenas das camadas populares, práticas como essa, que articulam conhecimento científico e escuta sensível, tornam-se não só desejáveis, mas urgentes. O desafio que se coloca aos educadores é o de construir caminhos em que cada criança possa aprender com dignidade, ser reconhecida em sua singularidade e encontrar, na escola, um espaço legítimo de expressão e pertencimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar as motivações que deram sentido a este artigo, compreende-se que a experiência narrada vai muito além da simples

aplicação de um método de alfabetização. O que se revela aqui é um caminho tecido com escuta, afeto e compromisso, em busca de práticas que acolham as infâncias como elas são, isto é, múltiplas, singulares, cheias de linguagem e de mundos próprios. Trata-se de um fazer que nasce no chão da escola, mas que se fortalece no gesto atento de quem reflete sobre a própria prática e deseja, de fato, construir um espaço mais justo, mais sensível e profundamente comprometido com o direito de cada criança à palavra.

Embora o método fônico traga reconhecidos benefícios no processo de alfabetização, sua presença na rotina da educação infantil exige um olhar cuidadoso e aberto aos desafios que emergem do cotidiano. Um dos pontos centrais é a formação continuada das professoras, para que possam não apenas dominar os fundamentos teóricos da proposta, mas também recriá-la com sensibilidade, respeitando as especificidades de suas turmas. As crianças não aprendem da mesma forma nem no mesmo tempo. Algumas precisam de mais escuta para reconhecer os sons da fala, outras encontram na expressão corporal ou visual o caminho para construir sentido. Há ainda aquelas que chegam à escola com poucas vivências linguísticas anteriores, o que exige um olhar ainda mais atento, ético e acolhedor. Nesses casos, escutar cada criança em sua singularidade não é apenas uma escolha pedagógica, mas um compromisso com a dignidade de aprender.

Outro ponto a ser considerado é o risco de reduzir a prática a uma repetição mecânica de fonemas e grafemas, esvaziando o processo de seu sentido mais amplo. Por isso, a intencionalidade pedagógica precisa ser constantemente renovada, garantindo que as atividades não apenas ensinem a decodificar, mas também ampliem o repertório expressivo, promovam a escuta ativa e cultivem a curiosidade intelectual das crianças. Trabalhar com o método fônico, nesse horizonte, exige uma postura investigativa por parte da educadora, que se debruça diariamente sobre os gestos, escutas e escritas emergentes como quem interpreta sinais de um processo em constante construção.

Apesar dessas exigências, as vantagens para as crianças são significativas. O método oferece uma base segura para o domínio do sistema alfabético, favorece o desenvolvimento da autonomia leitora desde cedo e fortalece a confiança no próprio processo de aprendizagem. Ao associar som e letra de maneira explícita e concreta, ele contribui para que as crianças compreendam que a escrita não é um código misterioso, mas uma linguagem que também lhes pertence. Essa apropriação, quando feita com afeto e respeito ao tempo de cada uma, torna-se o alicerce para uma relação duradoura e prazerosa com o universo da leitura e da escrita.

O método fônico, quando vivido entre letras e afetos, se torna mais do que um instrumento de ensino. Ele se transforma em um modo de estar com as crianças, de abrir caminhos para que possam escutar o som das palavras e também o som de si mesmas. No entrelaçamento entre técnica e sensibilidade, nasce uma pedagogia que aposta no potencial de cada infância e que acredita que ensinar a ler é, também, um modo de ensinar a existir com mais sentido, mais voz e mais liberdade.

No entanto, é a partir da escuta atenta aos efeitos dessa prática que se torna possível compreender sua real potência formativa. A presença cotidiana do método fônico, sustentada por uma abordagem afetiva e significativa, começa a produzir pequenos deslocamentos perceptíveis no modo como as crianças se relacionam com a linguagem.

A atenção aos sons, antes dispersa, vai se tornando mais refinada. As tentativas de escrita, inicialmente fragmentadas, ganham forma e intenção. Os gestos de leitura, ainda hesitantes, revelam o nascimento de uma autonomia que se constrói devagar, mas com profundidade.

Esses indícios, embora sutis, apontam para transformações que não se limitam ao domínio técnico do sistema alfabético. O que se observa é o fortalecimento de uma escuta mais ativa, de uma sensibilidade linguística que se amplia, de um pertencimento crescente ao universo da leitura e da escrita. Tais efeitos não são isolados. Eles dialogam com princípios da Linguística Aplicada que reconhecem a alfabetização como prática social e situada,

atravessada por dimensões culturais, afetivas e identitárias. Alfabetizar, nesse horizonte, não é apenas ensinar a codificar palavras, mas incluir as crianças num repertório simbólico que lhes permita narrar o mundo e a si mesmas.

Quando uma criança descobre que pode dar nome ao que sente, reconhecer sons que antes passavam despercebidos, escrever com suas próprias mãos aquilo que imagina, algo nela se transforma. Ela não apenas aprende a ler e escrever, mas começa a se entender como alguém que tem o direito de dizer, de criar e de existir com mais presença. Essa afirmação subjetiva, construída aos poucos, fortalece a confiança, desperta a criatividade e revela a beleza de se saber parte do mundo das palavras.

Considerando contextos educacionais marcados pela diversidade de línguas, culturas e trajetórias de vida, como os das instituições públicas que acolhem crianças oriundas de diferentes origens sociais, é ainda mais urgente valorizar práticas que respeitem a singularidade de cada sujeito e que favoreçam a construção coletiva de saberes. O método fônico, quando incorporado com sensibilidade a esse universo plural, não opera como técnica neutra, mas como estratégia ética de inclusão e reconhecimento. Ele oferece às crianças não apenas um caminho para decifrar palavras, mas também a possibilidade de inscreverem suas vozes no tecido da linguagem escrita.

O fechamento desse processo não é dado por um produto final, mas pela própria experiência de aprender. Ao observar uma criança que, pela primeira vez, reconhece a palavra que ela mesma escreveu ou lê em voz alta o nome de um colega, percebe-se que há ali algo que vai além do conteúdo ensinado. Há uma conquista simbólica, uma expansão do mundo, uma afirmação de si.

É nesse entrelaçamento entre letras e afetos que a prática pedagógica ganha sentido. As atividades propostas não têm como único objetivo garantir a decodificação. Elas buscam, acima de tudo, formar leitores e leitoras que possam se sentir pertencentes ao universo da linguagem. Que possam se reconhecer nas palavras e, por meio delas, desenhar novas possibilidades de existência.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso na pesquisa e na avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro, 2005.
- ADAMS, Marilyn Jager. **Beginning to read: Thinking and learning about print**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. **Alfabetização: Método fônico**. 5. ed. Memnon Critica: São Paulo, 2010.
- CARDOSO-MARTINS, Cláudia. **Consciência fonológica e alfabetização**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FERREIRO, Emília. **Pastas, papéis e alfabetização: o diálogo com a escrita na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. Os Significados do Letramento: Uma Nova Perspectiva sobre a Prática Social da Escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p; 15-21.
- LAMPRECHT, Regina R.; COSTA, Juliana. Consciência fonológica e aprendizagem da leitura e escrita. In: LAMPRECHT, R. R. (Org.). **Aquisição da linguagem: questões e análises**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 111–136.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.) **Por Uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2012.
- MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência fonológica e alfabetização**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2012.
- NATIONAL READING PANEL (NRP). **Teaching children to read: an evidence-based assessment of the scientific research literature on reading and its implications for reading instruction – reports of the subgroups**. Washington, D. C.: U. S. Department of Health and Human Services, National Institute of Child Health and Human Development, 2000. Disponível em: <https://www.nichd.nih.gov/publications/pubs/nrp/smallbook>. Acesso em: 26 abr. 2025.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 147-168.
- ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SNOW, Catherine; BURNS, Susan; GRIFFIN, Peg. **Preventing Reading Difficulties in Young Children**. Washington, DC: National Academy Press, 1998.
- SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2018.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

Recebido em 17 de junho de 2025

Aceito em 31 de outubro de 2025